

A Correspondência Inédita de Guimarães Rosa e a Desconstrução de Formas Estereotipadas

EDNA MARIA FERNANDES DOS SANTOS NASCIMENTO*

A correspondência diversificada de João Guimarães Rosa constitui documento valioso para testemunhar a gênese de sua obra. São cerca de 950 cartas (de 1934 a 1969)² trocadas com amigos, parentes, estudiosos, editores. Na correspondência com tradutores, Edoardo Bizzarri (italiano), Harriet de Onís (inglês), Curt Meyer-Clason (alemão), J. J. Villard (francês), Ángel Crespo (espanhol), o Autor, preocupado com a transcodificação precisa de sua obra, tece comentários sobre diferentes aspectos de sua construção e, quase sempre, elabora glossários. Em fase final de organização, esse material compõe juntamente com outros documentos o **Arquivo Guimarães Rosa** pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Tomando-se como ponto de partida alguns trechos da correspondência inédita, pretendemos, com uma pequena amostragem, comentar um dos procedimentos lingüísticos utilizados pelo escritor na composição de sua linguagem: a desconstrução de formas estereo-

*Professora de Lingüística - ILCSE, Araraquara.

tipadas. Entendemos por desconstrução de formas estereotipadas — provérbios, frases feitas, expressões — a alteração parcial ou total de segmentos fraseológicos clichês. No exemplo abaixo, o próprio Guimarães Rosa comenta na obra ficcional a alteração do provérbio "Melhor um pássaro na mão do que dois voando":

"- Melhor um pássaro voando do que dois na mão...! ...Eis a versão do provérbio, para uso dos fortes, dos capazes de ideal...

- É a versão dos otários, também". (Sagarana, p. 176)

Conforme comentários elucidativos de Guimarães Rosa na sua correspondência, os grupos fraseológicos desconstruídos podem ser organizados de acordo com as modificações operadas por ele na forma clichê que lhe deu origem. Eles sofrem desconstrução por paródia ou por encurtamento.

O provérbio desconstruído citado é exemplo de paródia: nova versão de uma frase clichê. Testemunham a elaboração dessas paródias algumas passagens da correspondência. Nestes trechos, o Autor determina o seu significado, explica a sua origem. E mais, esclarece a sua função na obra: a desconstrução é usada para conseguir maior efeito expressivo e mesmo para obter um tom de *humour*. Seguem-se alguns trechos da obra ficcional, onde aparece a forma desconstruída por paródia e, logo depois, o trecho da carta em que ele se refere à matriz:

"- Ora, ora!... Esses é que são os mais!... Soi fala o tempo todo. Eu até posso contar um caso acontecido que se deu.

- Sô se eu tiver de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco..." (Sagarana, p. 283).

"(...) PONTO E POUCO... Há um provérbio que diz:

"Quem conta um conto, acrescenta um ponto..." Isto é: aumenta, exagera e difama a história. Daí, a título de *humour* jovial, a expressão que usei. O próprio Narrador vai dizendo que exagerará, de muito, a história que o Timborna lhe contar. Que acrescentará "um ponto", e ainda mais, um "pouco".³

"Porque, lá na Capital, sabem montar à cossaca, em dois ginetes, e as duas facções são

atendidas rotativa e relativamente. Enquanto isso, o tempo passa, o pau vai e vem, e folgam os filhos da sabedoria". (Sagarana, p. 185)

"(...) O PAU VAI E VEM, E FOLGAM OS FILHOS DA SABEDORIA. Há um provérbio brasileiro que diz: "Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas..." Supondo-se que alguém está dando pancadas nas costas do outro, com um pau, um cacete; enquanto o pau se movimenta para bater, as costas descansam. Se alegram, nos intervalos dos golpes. Nos intervalos dos sofrimentos ou importunações, a gente aproveita para ser feliz. Modifiquei o provérbio — com o sentido óbvio".

"Era um burrinho pedrês, (...) Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido. (...) Vinhalhe de padrinhos jogador de truque a última intitulação, de baralho, de manilha; mas, vida afora, por amos e anos, outras tivera, sempre involuntariamente". (Sagarana, p. 3)

"No texto original do "Sagarana", é assim: o leitor compreende, mas as expressões, mesmo as aparentemente triviais, são próprias, soluções de criação pessoal, do autor. Nada de frases já gastas, já adormecidas e embotadas pelo excesso de uso. (...) a expressão: "Por amos e anos" (...) não existe em português. Ninguém dissera isso, antes. Existe a expressão: por anos e anos. (...) Daí, acho que devemos preferir, sempre que possível, a expressão mais rara, original, e a mais enérgica, forte, crispada e violenta"⁵.

Outra forma utilizada pelo escritor para desconstruir o grupo fraseológico é o encurtamento, ou seja, a elipse de um dos termos de uma expressão composta. O corte de palavras ou mesmo de expressões dispensáveis para condensar mais a linguagem, a fim de evitar o óbvio, o pesado, o frouxo e o lugar-comum, evidenciando a musicalidade do texto, aconselhado a Harriet de Onís para a sua versão para o inglês, deve funcionar "as poked fire":

"Naturalmente, as coisas que anotei, no sentido de um necessário aperfeiçoamento, acho que também têm de levar-se em conta. Principalmente, quanto a condensarmos mais, cortando fora palavras e expressões dispensáveis, que só servem para tornar o texto óbvio, pesado e frouxo. São como a gordura excessiva, num corpo de mulher elegante ou de um atleta. E, cortando-as, teremos o que diz Rudyard Kipling na sua autobiografia: e cortes atuam "as poked

fire". E atender ao ritmo, à música. Modéstia à parte, mas já viu que o "Saçarana" é, sem nenhum lugar-comum, um poema musical. Mas sua tradução ficará linda"⁶.

O corte, atuando como as *poked fire*, "fogo atizado", no dizer de Rudyard Kipling, é responsável nesse tipo de desconstrução pela produção do ruído: cabe ao leitor resgatar os elementos clichês elípticos para a compreensão do grupo fraseológico que serviu de matriz. Nos trechos da correspondência, que sequeem, logo após o grupo fraseológico desconstruído na obra, observa-se a mesma preocupação do trecho citado acima: a busca do texto condensado, conseguida, como ele mesmo afirma, pela elisão, pela elipse:

"E eu já estou cansado de saber que ela é boazinha, bonitinha, moreninha, engraçadinha, toda assim-assim, bisuim..." (*Sagarana*, 188)

"(...) TODA ASSIM-ASSIM, BISUIM. 1) "toda assim-assim: É como se dissesse, com elipses: "toda assim (bonita), assim"⁷.

"Bento Profírio suspira fundo. (...) O Alexandre é um bobo... a gente vai ser feliz... .. de-Lourde... p'ra longe... .. nem não há... Não há... Não há..." (*Sagarana*, p. 193)

"NEM NÃO HÃ... = Literal. Provavelmente, fim de uma frase como esta: (Uma coisa tão bela assim, mais bela) não há, (nem) não há..."⁸.

"Tudo nele dava raiva. Não aprendia a referir meu nome direito. Desfeita ou ofensa, não sou o de perdoar — a nenhum de nenhuma" (*Primeiras Estórias*, p. 91)

"A NENHUM E NENHUMA = a nenhum (filho) de nenhuma... (maneira rápida e subentendida de dizer: a nenhum filho da puta)⁹.

Em diferentes trechos da correspondência, o Autor comenta que a alteração no plano da expressão de uma seqüência tem a finalidade de fugir ao lugar-comum, para isto evita as formas estereotipadas. O uso desgasta o poder expressivo das palavras:

"Esta língua deve ser hoje em dia uma língua criada pelo próprio autor, porque o material lingüístico existente basta ainda para prospectos de publicidade e declarações políticas, mas não basta mais para poesia, mas não basta mais para pronunciar verdades humanas"¹⁰.

Para criar a sua "língua", além de outros recursos, utiliza-se desses elementos estereotipados. A desconstrução da forma clichê, que a torna um desvio, exigindo, então, do leitor um esforço de interpretação, é também forma de provocar o inusitado e de o Autor libertar-se do já ouvido e do já visto:

"Porque eu quero voltar cada dia à origem da língua, ali, onde a palavra ainda está abrigada nas entranhas da alma, para que eu possa dar-lhe a luz segundo minha imagem"¹¹.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹Este texto é uma condensação do capítulo **Desconstrução de grupo fraseológico**. In: Nascimento, Edna Maria F. S. - **Estudo da Metalinguagem natural na obra de Guimarães Rosa**.
- ²A data de morte de Guimarães Rosa é 19/11/67, mas as mensagens de pêsames após essa data já faziam parte da correspondência na ocasião da aquisição do material pelo Instituto de Estudos Brasileiros. Hoje elas continuam a integrar a Série Correspondência sob a denominação **Correspondência Complementar**.
- ³Queries on **SÃO MARCOS**, anexo à carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 05/02/65.
- ⁴Queries on **MINHA GENTE**, anexo à carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 08/10/64.
- ⁵Carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 11/02/64.
- ⁶Carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 24/03/65.
- ⁷Queries **MINHA GENTE**, anexo à carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 28/10/64.
- ⁸Queries **MINHA GENTE**, anexo à carta a Harriet de Onís, Rio de Janeiro, 27/10/64.
- ⁹Glossário **O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA**, anexo à carta a Meyer-Glason, Rio de Janeiro, 05/03/65.
- ¹⁰Literatura deve ser vida, p. 299.
- ¹¹*Ibid.*, 295.

BIBLIOGRAFIA

ROSA, J. Guimarães. **Correspondência inédita de João Guimarães Rosa. Arquivo Guimarães Rosa.** Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

—————. **Sagarana.** 7.ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.

—————. **Primeiras Estórias.** 6.ed., Rio de Janeiro, J. Olympio,

—————. "Literatura deve ser vida" (Um diálogo de Günter W. Lorenz com Guimarães Rosa). In: **Exposição do novo livro alemão 1971.** Frankfurt am Main, Ausstellungs und Mess-GMBH des Bösenvereins, p. 267-313.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. **Estudo da metalinguagem natural na obra de Guimarães Rosa.** São Paulo, 1986. Tese de Doutorado. Dep. de Lingüística e Línguas Orientais da FFLCH-USP. (mimeografada)